

Apresentação

História das ideias linguísticas

Não foi sem prazer que aceitei o convite de fazer a apresentação desse vigésimo número da revista *Fragmentum* com um tema – História das Ideias Linguísticas – de fundamental importância para todos aqueles que se debruçam pelos diferentes trajetos das ciências da Linguagem. Formular sobre formulações no âmbito acadêmico é sempre um gesto instigante e difícil. Nesse caso específico há um ingrediente suplementar, agradável e desafiador: apresentar trabalhos praticados nas diferentes esferas do ensino superior – iniciação científica, mestrado e doutorado. Desafio amplamente recompensador. Primeiro porque permite constatar o retorno firme e consistente de uma área de conhecimento instaurada no Brasil por Eni Orlandi e um vasto grupo de pesquisadores brasileiros filiados a diferentes instituições acadêmicas nos idos dos anos 90. Não menos importante, porque permite reconhecer o trabalho de excelência, cotidiano e incansável de Amanda Scherer na formação de quadros brasileiros no âmbito da Universidade Federal de Santa Maria.

Todos os trabalhos aqui apresentados mostram a relevância de associar de maneira constitutiva a construção do saber metalinguístico e a construção da língua portuguesa no Brasil, sem pressupor aí qualquer relação de anterioridade ou de causalidade lógica. As diferentes abordagens e recortes trataram a história das ideias linguísticas a partir do trabalho com filiações de sentidos, filiação discursiva. Tomaram a história na descontinuidade, como material, como política e ideológica. Mostraram, como afirma Orlandi (1996), que “não há ciência que não se assente em pressupostos (teorias) políticos e cujos resultados, em sua prática, não tenham consequências sobre os sujeitos, a sociedade, e a história”. Enfim, os artigos aqui publicados nos mostram a articulação produtiva e consequente da Análise de Discurso e a História das Ideias Linguísticas que instaura uma nova forma de se colocar o estudo da língua portuguesa, enquanto língua nacional e de Estado, justamente porque trabalha a partir de uma indissociabilidade entre ciência, Estado e formação social (Orlandi, 2001). Compreender a História das Ideias Linguísticas a partir dessa relação constitutiva coloca, notadamente, o *político* como estruturante do conhecimento científico, contribuição indiscutível da Análise de Discurso para a História das Ideias.

Em “A constituição da memória e das ideias em torno da disciplina de linguística no interior do RS” Caroline M. Schneiders, trabalhando com a constituição da linguística enquanto disciplina nos currículos da URI, nos mostra a relevância de mobilizar a memória discursiva na compreensão da linguística enquanto disciplina marcada por uma organização a partir da interpretação estabilizada do **Curso de Linguística Geral** de Saussure; organização essa filiada ao centro do estado do Rio Grande do Sul. É interessante notar que ao tempo em que os currículos se movimentam mais autonomamente na relação Centro/Interior do estado, a instauração saussuriana se mantém, reterritorializada nas tendências formalistas *versus* sociologistas (cf. Gadet e Pêcheux, 1975) em um vai-e-vem entre aquilo que é próprio da linguística e aquilo que lhe é exterior. De seu lado, Maria Iraci S. Costa, em “A gramática na década de 70: apropriação, autoria e posição-sujeito”, nos mostra, ao refletir sobre os modos de apropriação de saberes metalinguísticos pelo discurso do gramático, a materialização da contradição inerente aos discursos sobre a língua. Recortando seu trabalho de análise na **Moderna Gramática Brasileira** de Celso Luft, a autora nos faz conhecer a alternância regular, nessa discursividade, entre um sujeito marcado e a impessoalização do sujeito que diz sobre fatos de linguagem, o que sustenta o vai-e-vem entre o *registro* dos fatos de linguagem e a *avaliação* (juízo de valor) desses fatos. Em seu artigo, “Uma breve reflexão sobre título”, Juciele P. Dias nos traz a produtividade de refletir sobre a materialidade dos títulos tomados como um gesto de interpretação constituído por uma “posição sujeito autor de conhecimento”, tal como proposto por Orlandi (2002). “(Política do) dizer sobre a língua na ótica do mercado de divulgação”, de Larissa M. Cervo, tomando a língua enquanto um objeto de divulgação, mostra a regularidade de um imaginário social que a configura enquanto meio de comunicação e um conhecimento necessário que dentro das atuais condições de produção é dada como um produto. Mais do que isso, a pertinência da análise da autora consiste justamente em mostrar que essa relação com a língua enquanto produto a ser adquirido quase que invariavelmente para o bom êxito da comunicação, não é produzida exclusivamente pela mídia, como se ao linguista não fosse possível falar na mídia de outro lugar, como se fosse um efeito da ordem do inescapável. Nesse sentido, as análises de artigos de Mattoso Câmara e de J. L. Fiorin são contundentes, mesmo que essa discursividade pouco ressoe na memória discursiva das práticas languageiras. De seu lado, Larissa Scotta, em “A Wikipédia ou uma outra/nova forma do conjunto dos saberes: uma possível abordagem discursiva”, atravessa a difícil evidência da completude, atualizada de modos diversos pelas tecnologias de linguagem. A partir da constatação de que a Wikipédia estaria sendo significada como a enciclopédia que tudo pode solucionar pela conjunção de todos os saberes em um único lugar, a autora nos mostra, de um lado, a repetição do funcionamento da

indexação e das redes de referência próprios do funcionamento dos instrumentos de consulta construídos historicamente no domínio técnico e científico e, de outro lado, o deslocamento, a deriva de sentidos produzidos pelo modo de circulação da Wikipédia, afetando o imaginário daquilo que seja pertinente ao saber enciclopédico. Em “Trajetos pelos arquivos”, de Taís da Silva Martins, o leitor é levado a uma rica e produtiva proposta analítica sobre as nomeações e renomeações das disciplinas. Esse gesto é tomado, pela autora, politicamente, o que permite levar em consideração a divisão do dizer, a contradição, o equívoco, o silenciamento, as injunções nesse gesto. Pensando especificamente na disciplinarização da Análise de Discurso no Rio Grande do Sul, a autora faz um interessante percurso sobre a noção de arquivo em AD mobilizada para ancorar sua empreitada analítica. No último artigo que integra esse número da revista, “Análise do ritual da tomada de posse”, de Zélia M. V. Paim, temos acesso à instauração discursiva da fé e da cruz enquanto argumentos de posse que justificam o poder de um Estado em relação a outro território significado sem Estado, na imbricação de memórias disputadas e silenciadas materializadas no jogo metafórico próprio da colonização do século XV.

Finalmente, é preciso registrar que a proposta editorial da revista permite materializar o que é próprio da ciência: espaços provisórios para ancoragens analíticas. Na sua diversidade temática e na unidade teórico-metodológica, todos os artigos deixam entrever que a ciência se dá em cada momento em que é realizada, indicando pontos de chegada sempre provisórios que abrem outras mil possibilidades de continuar o trajeto. São autores que não se deixam acomodar na provisoriidade das respostas, procurando investir na formulação de novas perguntas no terreno da história das ideias linguísticas.

Referências

- GADET, F.; PÊCHEUX, M. **La langue introuvable**. Maspero. Paris, 1975.
- GUIMARÃES, E.; ORLANDI, E. (orgs.) **Língua e Cidadania: O Português no Brasil**. Campinas: Pontes, 1996.
- ORLANDI, E. (org.) **Construção do Saber Metalingüístico e Constituição da Língua Nacional**. Campinas: Pontes; Cáceres: Unemat, 2001.
- ORLANDI, E. P.; GUIMARÃES, E. (org.) **Institucionalização dos Estudos da Linguagem**. A Disciplinarização das Ideias Linguísticas. Campinas: Pontes, 2002.

Cláudia Castellanos Pfeiffer (Unicamp)
Novembro de 2009.